PQ9261
.C3
Z453
1924

# CATALOGO DO MUSEU CAMILIANO DE SAN MIGUEL DE SEIDE

PQ9261
.C3
Z453
1924
c.1 main
KC
2/3/87

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.C3
Z453
1924

a 00003 812832

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

| DATE DUE | RET. | DATE DUE | RET. |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Form No. 513,
Rev. 1/84

# CATÁLOGO

do

# Museu Camiliano

de

## SAN-MIGUEL-DE-SEIDE

FAMALICÃO
Tipografia «MINERVA» de Cruz, Sousa & Barbosa, L.da
Avenida Barão de Trovisqueira

1924

O MUNDO
DO LIVRO
11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

RC
PQ9261
.C3
Z453
1924

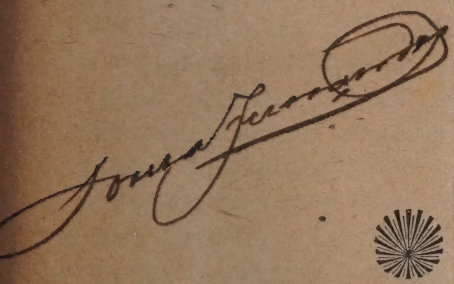
# CATÁLOGO

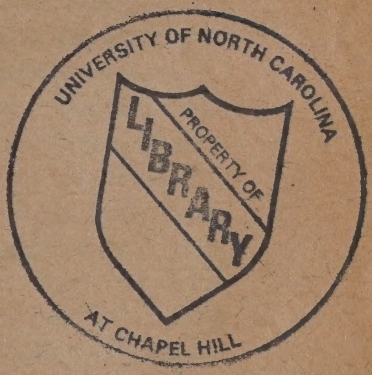
do

# Museu Camiliano

de

## SAN-MIGUEL-DE-SEIDE






FAMALICÃO
Tipografia «MINERVA» de Cruz, Sousa & Barbosa, L.da
Avenida Barão de Trovisqueira

1924

# NOTA PRELIMINAR

A 17 de Maio de 1915 um violento incêndio devorou a casa de San-Miguel-de-Seide, onde por longos anos residiu Camilo Castelo Branco.

Uma comissão que em seguida se constituiu, formada dos Srs. José de Azevedo e Meneses, Daniel Augusto dos Santos, Francisco Correia de Mesquita Guimarães, Francisco Maria de Oliveira e Silva, José Robalo Ferreira e Dr. Nuno Simões, chamou a si a simpática e patriótica tarefa de, por meio de uma subscrição pública, reconstituir a casa que foi do excelso romancista para doá-la, como padrão de nacional glória, à Câmara Municipal dêste concelho de Famalicão.

E' claro, portanto — e é isto que desejamos aqui esclarecer — que esta casa, após o sinistro que lhe destruiu a estrutura original e coeva de Camilo, teve que revestir a nova capa da obra de reconstrução a que foi sujeita. Esta nova capa, porém, só variou da antiga nos materiais que para constituí-la houve a em-

pregar, visto que, quer na generalidade do alçado, quer nos pormenores das divisões internas, a comissão restauradora procurou renovar escrupulosamente as mais autênticas características do velho e destruído edifício: Exteriormente, a mesma forma e dimensões das paredes basilares, o mesmo plano de portas, janelas e telhados; interiormente, as mesmas salas, os mesmos quartos, os mesmos corredores e as mesmas escadas, guardando tudo as mesmas dimensões antigas, a forma do mesmo antigo figurado e até as mesmas antigas côres das pinturas decorativas.

De variantes, na obra nova, dignas de algum reparo e menção, só há uma: é a modificação interna e externa que teve de fazer-se na parte térrea do edifício, do lado norte, para adaptar as antigas lojas, que aí estavam antes do incêndio, à magnífica sala escolar que agora ocupa êsse rés-do-chão sob a invocação do grande e saüdoso Mestre. Se há outras, são tão minúsculas que ninguém dá por elas, e em nada alteram a feição da antiga casa de Camilo — a mesma de onde êle escreveu no *Amor de Salvação:* «*A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas*» (1).

A êste respeito leia-se o livro *Camilo Homenageado,* magnífico trabalho do Sr. José de Azevedo e Meneses, na parte do Relatório da comissão de homenagem, págs. XIV a XVIII.

---

(1) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo,* pág. 343.

# Objectos constitutivos do "Museu Camiliano" de San-Miguel-de-Seide

## No primeiro pavimento

### APOSENTO A

E' êste o vestíbulo ou sala de entrada do Museu que na residência de Camilo, e durante a vida dêste, já desempenhava estas mesmas funções. Estão neste aposento os três primeiros objectos que abrem a modesta exposição desta homenagem e segundo a sua ordem numérica. Os dois primeiros foram de uso e propriedade do Mestre.

1. Uma secretária de castanho com gavetas.
2. Uma outra escrivaninha pequena, própria para colocar sôbre mesa.
3. Um busto, em gêsso, do saüdoso Mestre, conseguido por meio de uma subscrição, angariada em Famalicão, pelo Dr. Nuno Simões, entre os admiradores daquele.

## APOSENTO B

E' a sala principal do Museu e foi, durante a vida de Camilo, a sala de visitas de sua residência. Aqui esteve também colocado por algum tempo um bilhar que o solitário de Seide possuiu antes da cegueira o incompatibilizar com êste seu jôgo predilecto.

— Foi nesta sala que, na tarde de 1 de Junho de 1890, Camilo se suïcidou, quando o Dr. Edmundo Machado, de Aveiro, chamado para vê-lo e tratá-lo da cegueira que o ia empolgando, lhe deu a perceber que o mal era incurável.

Os objectos aqui expostos são os seguintes:

4. Uma cadeira de palhinha com espaldar, tendo neste uma abertura expressa- e propositalmente feita para através dela se aplicarem umas prescrições médicas nas costas de Camilo, prescrições que, ao que parece, lhe foram receitadas em Lisboa e já visando o combate da sua moléstia de olhos, então incipiente.

   — Esta cadeira foi-lhe oferecida pelo Conselheiro Peito de Carvalho, naquele tempo alto funcionário do Paço, tendo sido Oliveira Martins — o grande historiador — quem por vezes aplicou ao enfêrmo a medicação que por aquele meio lhe era aconselhada (1).

5. Uma cadeira de balanço com assento e espaldar de palhinha.

   — Foi nesta cadeira que Camilo, desenganado pelo médico a quem já nos referimos, e depois dêste se despedir dêle, disparou no parietal direito o tiro de revólver que o vitimou. Êste móvel ocupa hoje, na sala do Museu de Seide, precisamente o mesmo lugar que ocupava na residência de Camilo na hora trágica do suïcídio.

6. Um canapé largo com assentos e encostos de palhinha.

---

(1) As informações de ordem mais íntima, que utilizamos nestas notas, obsequiosamente as devemos à Sr.ª D. Ana Rosa Correia, extremosa mãe dos netos de Camilo.

— Foi para êste móvel que transportaram Camilo após o seu acto de desespêro e já em estado comatoso.

7. Uma cadeira de mogno com assento e encôsto de estôfo de lã azul.

— E' a cadeira em que habitualmente se sentava D. Ana Plácido, quando, no período mais grave da enfermidade do marido, se lhe colocava à cabeceira, a confortá-lo.

8. Um fogão portátil de ferro, próprio para sala.

— E' o mesmo que nesta sala, e no mesmo lugar que hoje ocupa, estava colocado quando vivia e aqui morava Camilo.

9. Um relógio e corrente de ouro.

— E' o relógio e corrente que pertenciam a Camilo, e de que êste fazia uso quando se suïcidou.

10. Um anel de ferro e ouro com sinete, tendo por emblema uma càveira e duas tíbias.

— A êste anel se refere Trindade Coelho, pai, num artigo que escreveu para a *Nova Alvorada*, revista literária de Vila Nova-de-Famalicão (1).

11. Uma caixa de rapé já muito usada.
12. Um lenço de sêda para rapé.
13. Um sinete de prata com cabo de mármore côr de rosa, tendo na gravura uma coroa de Visconde com as iniciais C. B.
14. Uma cigarreira de couro-*chagrin*.
15. Uma carteira, do mesmo couro, para bôlso.
16. Uma escôva de borracha para fricções.
17. Uma carapuça de sêda para dormir.
18. Dois *bonets*, um com pala e outro sem pala, tendo o primeiro servido como preservativo do sol nos primeiros tempos da moléstia de olhos de Camilo.
19. Um limpa-pênas muito usado.

---

(1) *Nova Alvorada* — Famalicão, 1.º ano, n.º de 1 de Junho de 1891.

20. Uma cadeira de extensão, própria para viagem de mar.
21. Uma pequena régua de madeira.
22. Uma caixa de óculos, vazia e muito usada.
23. Um amarrado de canetas e lápis.
24. Um alfinete de gravata com rubis.
25. Uma bengala de pau sem ornatos.
26. Uma pasta bastante usada, própria para papéis.

— Todos estes objectos, numerados de 10 a 26, primam pela pouca ou nenhuma importância do seu valor real; valem muito, porém, pela estimativa que os enriquece — a circunstância de haverem pertencido a Camilo e de terem sido de seu uso particular.

27. Uma bilheteira de metal amarelo.
28. Uma floreira de porcelana, defeituosa.
29. Um grupo de três pequenos bustos de porcelana, sendo um de Herculano, outro de Racine e o terceiro de Pascal.
30. Um relógio, para cima-de-mesa, de madeira com embutidos.
31. Um tinteiro de prata com as iniciais do romancista.

— Foi oferecido, como consta da dedicatória que tem gravada, pelo Sr. Henrique Coutinho, muito amigo e admirador de Camilo, então negociante no Porto, e hoje ainda vivo, supomos que residente no Rio-de-Janeiro.

32. Um chapéu de côco, supomos que o último usado por Camilo.
33. Um chapéu alto, de sêda, do feitio especial que de há muito Camilo havia adoptado.

— Foi-lhe oferecido pelo seu muito admirador Henrique Coutinho — o mesmo a quem há pouco nos referimos a-propósito do objecto n.º 31.

34. Uma pequena caixa de madeira, em forma de livro, contendo vários fragmentos de papel de jornais dispostos em novelo.

— E' uma recordação da estada de António Feliciano de Castilho em Seide, de visita a Camilo, em Julho de 1866.

O ilustre cego, forçado a concentrar mais a actividade do seu espírito em uma meditação contínua, tinha o hábito maquinal de, emquanto pensava, ir desfazendo em tiras e ennovelando, um qualquer jornal de que as suas mãos ao acaso se apossassem. Esta caixa, pois, representa o labor desta habitual distracção do Visconde de Castilho durante os dias que passou em Seide.

35. Uma pequena lira de madeira dourada, muito defeituosa por lhe faltarem já algumas peças.
36. Uma jarra de porcelana do Japão.

— A respeito desta jarra, há uma história. Urbano de Castro, notável jornalista, estando também em Angola, oferecera ao então ali degredado Vieira de Castro, e no dia festivo do aniversário dêste, duas preciosas jarras do Japão, as quais, cheias de flores, serviram depois para durante três dias ornamentar a sepultura que, no Campo Santo de Loanda, acolheu o cadáver do malogrado José Cardoso Vieira de Castro. Foram, dias passados, compradas no espólio do morto por António Pereira Coutinho, morgado de Pereiras, natural da freguesia de Cabeçudos, dêste concelho de Famalicão, e que em África, na região de Cazengo, desempenhou as funções de agente comercial do mesmo desventurado Vieira de Castro.

Regressando a Portugal, Pereira Coutinho oferecera as duas jarras a Camilo; mas uma destas quebrou, já depois de ter dado ingresso na casa de Seide.

Esta mesma história, contada pelo próprio Camilo, diz-nos isto:

«*Estas jarras, cheias de flores, estiveram três dias sôbre a sepultura do seu dono (Vieira de Castro) que as havia prezado com amor de agradecido e amor da imensa beleza delas. Depois, retiradas de sôbre a campa, vieram para Portugal, compradas no espólio do morto pelo Sr. Pereira Coutinho, que mas deu. Ainda traziam no bojo flores sêcas, e entre estas dois formosos insectos, que lá haviam entrado por entre as rosas e lá morreram, e hoje se conservam com o lustro e frescor da vida*» (1).

(1) Camilo Castelo Branco — *Correspondencia Epistolar*, 1.º vol., pág. 110.

37. Um candieiro de suspensão.

— Êste candieiro, hoje incompleto, funcionou neste mesmo aposento, quando era aqui a sala de visitas de Camilo.

38. Um pequeno revólver de modêlo antigo.

— Foi, ao que parece, a primeira arma de fogo que possuiu Camilo, pois, como tal, êle a ofereceu ao seu amigo Dr. Pedrosa, médico de reputação em Santo Tirso. A' morte dêste facultativo passou para seu filho, então pároco naquela mesma vila, que por seu turno gentilmente dotou o Museu com esta preciosidade. Deve-se a aquisição desta generosa oferta ainda ao Sr. José de Azevedo e Meneses, fundador desta homenagem ao excelso romancista, que foi quem directamente e por diligência própria a obteve daquele digno sacerdote.

39. Uma colecção de 39 pequenos quadros de vários tamanhos e feitios, em gravura, fotografia, oleografia, desenho, etc.

— Estão pendentes das paredes em toda a circunferência desta sala, e pouco ou nada valem sob o ponto-de-vista artístico. Só valem, e muito, por terem pertencido ao Mestre, terem a celebridade do seu contacto e a nota emocionante da sua recordação.

40. Quatro pequenas estantes de cima-de-mesa, de vários tamanhos e diversos feitios, dispostas pelos diferentes pontos dêste aposento.

## APOSENTO C

E' a sala onde está instalada a valiosa «Camiliana Arzila», assim chamada por ter pertencido ao Dr. Arzila da Fonseca, lente da Universidade de Coimbra.

Foi aqui a sala de jantar de Camilo.

O retrato colocado ao fundo dêste aposento é o do benemérito Visconde de Morais, o importante capitalista português, residente no Rio-de-Janeiro, que

patriòticamente forneceu ao Museu a avultada quantia por que foi adquirida esta Camiliana e respectivas estantes.

41. Duas grandes estantes envidraçadas, contendo a Camiliana na sua quási totalidade.

42. Uma estante mais pequena, contendo o resto dos volumes da Camiliana que não couberam nas duas estantes maiores.

— Esta estante, transportada para aqui do gabinete de trabalho de Camilo, pertenceu a êste, facto que já se não dá com as duas outras maiores, sob n.º 41, as quais foram adquiridas conjuntamente com os livros que conteem.

Vem a-propósito dizer aqui a forma bibliográfica por que é constituída esta Camiliana, que é a seguinte:

690 obras em 722 volumes, sendo:
401 vols. de originais de Camilo.
30 » de traduções do mesmo.
70 » colaborados pelo mesmo.
139 » com referências ao mesmo.
82 » de livros agregados não camilianos.

Estes 82 volumes últimos nenhuma relação teem com a Camiliana; vieram, porém, integrados nela e houve por melhor junto a ela os deixar ficar.

43. Uma mesa de jôgo, que igualmente pertenceu a Camilo e foi por êle usada.

## Aposento D

44.

— Foi aqui a antiga cozinha da casa de Camilo. Nela se podem admirar ainda a ampla lareira e larga chaminé características das residências abastadas do Minho, e onde, porventura, nas noites frígidas e intermináveis do inverno, Camilo uma ou outra vez não deixou de chegar-se, honrando os serões de família tradicionais da região. D. Ana Plácido é que, sem dúvida, aqui era muito habitual, pois, segundo

se lê no Sr. Alberto Pimentel, era *lendo e fumando ou sentada à lareira, a conversar com os campónios* (1), que Camilo, no regresso das suas digressões, a vinha ordinàriamente encontrar.

## No segundo pavimento

### APOSENTO E

Foi aqui o gabinete de trabalho de Camilo, conservando ainda todas as características contemporâneas do grande génio que o habitou.

45. Uma secretária grande, de castanho envernizado, com gavetas de ambos os lados e dotada de uma ampla mesa.

— Era aqui que Camilo ordinàriamente escrevia, sendo de presumir que foi sôbre esta secretária que o autor do *Amor de Salvação* escreveu êste dos seus primaciais romances — primeiro que de Seide deu à publicidade, em 1863 — e os muitos outros trabalhos literários com que, depois desta época, enriqueceu as letras pátrias.

46. Duas estantes envidraçadas, que pertenceram a Camilo e eram parte integrante dêste seu gabinete de trabalho.

47. Uma estante igualmente envidraçada, mais ampla e de mais recente construção que as duas precedentes.

— Esta foi mandada construir pela benemérita comissão organizadora do Museu, de que foi alma acalentadora o Sr. José de Azevedo e Meneses.

Conteem estas três estantes os livros de Camilo que ainda foi possível adquirir e reünir, todos devidamente autenticados pela prova irrefutável de que pertenceram ao Mestre, por êle foram lidos, e pelo contacto das suas mãos passaram.

---

(1) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo*, ed. de 1899, pág. 349.

— Como consta dos respectivos catálogos, é de 856 volumes, em 708 obras, o número total dêstes livros, bastantes dêles enriquecidos com preciosas notas a lápis do próprio punho de Camilo, e muitos de inestimável mérito, por muitas e várias outras circunstâncias.

48. Um candieiro de metal amarelo, a cuja luz, alimentada por azeite, trabalhava de preferência o solitário de Seide.

49. Um canapé e uma cadeira de braços, feitos de palha da Ilha-da-Madeira.

— Estão em mau estado estes dois objectos, mas valem pelo muito que exprimem como companheiros do Mestre, aqui, adentro dêste gabinete, onde testemunharam o seu genial labor de longos dias e longas noites, as sensações de alegria ou de tristeza em que alternadamente o seu espírito se agitava.

## Aposento F

Foi aqui o quarto de dormir de Camilo e o quarto em que morreu D. Ana Plácido.

50. Uma cama em que êle dormia e que foi construída com madeira de Angola, oferecida pelo seu amigo António Pereira Coutinho, a quem já em anteriores notas nos referimos.

— Ao lado esquerdo desta cama, na parede a que está encostada, e sempre esteve, nota-se uma espécie de prateleira, onde Camilo depositava os livros para leitura ou consulta da noite. Dali os manuseava uns após outros, lendo-os, meditando-os, e anotando a lápis, nas margens das respectivas fôlhas, aqueles que anotações lhe sugeriam.

— Foi nesta mesma cama que, na noite de 19 de Setembro de 1895, faleceu repentinamente D. Ana Plácido (1).

(1) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo*, ed. de 1899, pág. 432.

51. Uma mesinha de cabeceira, com pedra-mármore, que foi sempre fiel companheira da cama junto da qual ainda agora está.
52. Um outro móvel em forma de cómoda, e cuja engenhosa factura o converte, quando necessário seja, em uma cadeira destinada a funções de ordem fisiológica.

## Aposento G

Neste aposento foi o quarto de dormir de D. Ana Plácido, Viscondessa de Correia Botelho — a mulher de superior espírito que foi espôsa de Camilo. E é apenas pelo prestígio desta circunstância que se integra na exposição do Museu de Seide.

53. Um baú de couro, bastante usado, que pertenceu à família do ilustre romancista.

— Serve hoje de depósito a fragmentos de livros, jornais dispersos e revistas truncadas, objectos que, por pertencerem a quem pertenceram, se afiguraram à comissão uma espécie de relíquias que negra profanação seria não acautelar de total destruïção.

## No pavimento térreo

## Aposento H

54. — Funciona nesta parte do pavimento a escola de instrução primária da freguesia de San-Miguel-de-Seide, sob a invocação de Camilo, cujo retrato, em azulejos, feito pelo exímio artista Jorge Colaço e por êle gentilmente oferecido ao Museu, ocupa o lu-

gar de honra da escola, por cima da cadeira e secretária do professor.

Inundada de luz e de ar, com uma larga cubagem de 10×6×4, ou seja por um espaço cúbico de 240 metros quadrados, esta escola está moldada nos mais rigorosos preceitos da legalidade e da higiene, honrando o nome ilustre do seu patrono, não só por isto, mas ainda pela grande freqüência de alunos que nela buscam esclarecer o entendimento. E' uma das mais freqüentadas escolas do concelho, o que por muito se deve ao habilíssimo professor que a dirige.

## Ao ar livre

55. A *Acácia do Jorge.*

— Antiga e frondosa árvore, situada ao lado esquerdo da escada de pedra que do terreiro conduz ao primeiro andar pelo aposento A.

Foi plantada pelo Jorge, primeiro filho de Camilo, aos 8 anos de idade e quando as perturbações da loucura ainda lhe deixavam relativa lucidez para estas úteis distracções. E como o desventurado Jorge nasceu em 1863, segue-se que a *sua Acácia*, plantada oito anos depois, conta actualmente 53 anos.

— Em mais de um ponto da sua obra, Camilo refere-se a esta árvore, na qual como que parece querer cristalizar a saüdade do filho amado; mas de todas essas referências basta-nos citar a mais bela — as duas quadras da *Bohemia do Espirito:* (1)

A' porta do sepulcro, ainda volto a face
para vêr-te chorar, ó mãe do filho amado,
que vê como n'um sonho, a scena do trespasse...
— sorver-lhe o eterno abysmo o pae idolatrado.

Talvez que elle, a *sonhar*, te diga: — «Mãe não chore
que o pae hade voltar...» Quem sabe se virei?...
Quando a *Acacia do Jorge* ainda outra vez inflore,
chamae-me que eu de Abril nas auras voltarei.

(1) Camilo C. Branco — *Bohemia do Espirito*, ed. de 1886, pág. 132.

56. Pequena coluna de granito, comemorativa da estada simultânea em Seide, em 1866, de António Feliciano de Castilho, Tomás Ribeiro, Eugénio de Castilho e Vieira de Castro.

— Está colocada ao lado esquerdo de quem entra o largo portão da quinta, num recanto solitário do terreno ensombrado por araucárias e cedros, cuja plantação, bem como a memória comemorativa e respectiva inscrição, se deve à iniciativa e cuidados de D. Ana Plácido.

A esta memória comemorativa, sob a simplificada designação de — **a pedra** —, fazem alusão as duas últimas cartas que entre si trocaram, em 1872, Camilo e Vieira de Castro, o primeiro escrevendo de Seide, o segundo do degrêdo, onde então expiava a dolorosa tragédia do seu lar. Dizia aquele, ao terminar a sua carta:

« *Adeus, filho. Lembra-te. Escrevo ao pé da* **pedra** *em que está o teu nome. Cobrem-na dois cyprestes* » (1).

A isto respondia o condenado de Angola:

« *Seide! a* **pedra** *e os cyprestes! Ah, não volto ahi mais. Não cabe essa felicidade no meu destino* » (2).

E não coube. Esta carta é de 22 de Agosto de 1872, e catorze dias depois, a 5 de Setembro, aquela vítima da fatalidade deixava de existir.

— Há ainda outra referência digna de reproduzir-se aqui: Dedicando a Tomás Ribeiro a novela *Maria Moysés*, Camilo escreve as seguintes palavras (3):

« *São passados dez annos depois que viéste aqui. Foi hontem; e a* **pedra** *onde gravei o teu nome está denegrida como a dos tumulos antigos. Debaixo dela estão dez annos da nossa vida. Jazem alli os homens que então eramos.* »

---

(1) Camilo C. Branco — *Correspondencia Epistolar*, 2.º vol., 1903, pág. 132.
(2) Ibidem — Ibidem., 1.º vol., pág. 225.
(3) Ibidem — *Novellas do Minho*, 2.ª ed., pág. 103.

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL
*000038128 32*